

Coluna do Augusto

Vida longa ao Raspberry Pi

O futuro do Raspberri Pi e as novas tecnologias similares que chegam ao mercado.

por Augusto Campos

Lembra de quando o Raspberry Pi foi anunciado, e o preço dele, de US\$ 25, parecia inacreditável? Parece que foi na década passada, mas foi há 3 anos, em 2012. Desde então vários modelos se sucederam, mas os preços originais (duas faixas: US\$ 25 e US\$ 35) foram mantidos.

Uma parte do encanto do Pi é que ele pode ser comprado com facilidade – mesmo com o escorçante Custo Brasil, permanece barato – e oferece para muita gente a oportunidade de trabalhar com hardware da categoria ‘embarcados’, porque tem capacidade e compatibilidade suficientes para permitir a instalação de um desktop tradicional com Linux – fora a possibilidade de instalar várias distribuições dedicadas a transformá-lo numa central multimídia, um videogame retrô, um servidor dos mais variados protocolos, ou mesmo um nó de supercomputação.

Mais de 5 milhões já foram vendidos, e é de se considerar que uma parte considerável deles contribuiu para o propósito original do projeto, que é oferecer uma plataforma acessível e estimulante para o aprendizado da programação, fazendo uso de uma variedade de tecnologias open source, em especial o Linux e o Python.

O Pi não parou ainda, e recentemente anunciou e colocou à venda uma nova geração, mantendo o mesmo preço mas revolucionando a sua capacidade de processamento, a ponto de até mesmo ser cedo demais para tentar antecipar que projetos fantásticos veremos com ele nos próximos meses e anos.

Mas esse tipo de iniciativa vem em ondas,

e no momento em que escrevo estamos vivendo mais um dos grandes sucessos do financiamento coletivo do Kickstarter: o projeto CHIP, que pediu US\$ 50.000 para se viabilizar, já arrecadou um milhão e meio de dólares, e ainda não chegou na metade das 4 semanas de duração da campanha.

O CHIP tem muitas similaridades com o Raspberry Pi: é um computador em forma de placa, que pode ser usado como desktop bastando conectar a ele um teclado e mouse, e um monitor. Seu processador de 1GHz também tem capacidade suficiente para rodar aplicativos como o LibreOffice, VLC, Gimp ou o navegador Chromium, ou jogos, mas ele é fisicamente menor que o Raspberry Pi.

Devido à classe de hardware escolhida, o CHIP já vem nativamente com 2 recursos que o Pi recebe por meio de expansões via USB: o suporte a WiFi e a Bluetooth. A saída de vídeo nativa é de vídeo composto (conector coaxial amarelo), mas tanto VGA quanto HDMI são suportados por meio de adaptadores simples.

Ele já nasce com um acessório opcional interessante (cuja praticidade ainda precisa ser demonstrada): um periférico com tela, teclado e bateria, que lembra muito o antigo Palm Treo, no qual você pode plugar o CHIP e transformá-lo em uma estação de trabalho de bolso.

Mas a praticidade do CHIP para o pessoal do movimento Maker não precisa de comprovação adicional: ele pode operar por horas com uma pequena bateria, tem acesso pleno a pinos de GPIO, e já nasce com conectividade e capacidade de processamento.

Em outras palavras: o Raspberry Pi continua lindo, mas já começa a ter candidatos a sucedê-lo tanto na esfera da capacidade, quanto na do preço. Longa vida a ambos! ■

Augusto César Campos é administrador de TI e, desde 1996, mantém o site BR-linux.org, que cobre a cena do Software Livre no Brasil e no mundo.

